

Reunir, compartilhar, perceber, agir: um relato de experiência do Observatório de Educação Popular em Saúde e realidade brasileira

Pedro Nascimento Araujo Brito¹, Felipe Marques da Silva², Anailza dos Santos Silva³, José Carlos da Silva⁴, Pedro José Santos Carneiro Cruz⁵

Resumo

Reconhecendo a importância da discussão em saúde coletiva pela ótica da educação popular (EP), em um crítico cenário derivado da COVID-19 e do desgoverno, este relato de experiência explora as vivências no Observatório de Educação Popular em Saúde e a Realidade Brasileira. Trata-se de uma iniciativa do Programa de Extensão Práticas Integradas de Promoção da Saúde e Nutrição na Atenção Básica (PINAB), que intenta propagar a EP e reunir seus atores. Foram realizados sete encontros, sendo trabalhados temas como: “A conjuntura brasileira atual e os Princípios da Educação Popular e sua filosofia para a construção dos caminhos metodológicos das práticas”, “Soberania Alimentar como movimento da humanidade e civilidade: qual o papel da educação popular em saúde?”, “Processos de eugenia no Brasil e suas consequências na saúde, educação, justiça e equidade”, “O mundo e as suas mudanças: o lugar e o papel da educação popular em saúde” e “Educação Popular em Saúde: caminhos e alternativas para experiências e práticas”. Essa vivência promoveu reflexões acerca da atual conjuntura, resgatando conceitos fundantes da EP e percepções valiosas em seus encontros, além de ter demonstrado as potencialidades no uso dos ambientes virtuais como auxiliares na metodologia dialética da EP.

Palavras-chave

Educação Popular. Educação Popular em Saúde. Saúde Coletiva. Movimentos sociais. Tecnologias da informação e comunicação.

¹ Graduando em Medicina na Universidade Federal da Paraíba, Brasil. E-mail: pnab@academico.ufpb.br.

² Graduando em Fisioterapia na Universidade Federal da Paraíba, Brazil. E-mail: fms@academico.ufpb.br.

³ Graduanda em Terapia Ocupacional na Universidade Federal da Paraíba, Brasil. E-mail: anailza.silva@academico.ufpb.br.

⁴ Doutorando em Educação na Universidade Federal de Pernambuco, Brasil; coordenador geral da gestão do trabalho do Ministério da Saúde de Moçambique; membro do Grupo Saúde da População Negra da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN); membro do Grupo de Trabalho Racismo e Saúde da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO); membro da Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação (ANPED). E-mail: carlossilvan2003@yahoo.com.br.

⁵ Doutor em Educação pela Universidade Federal da Paraíba, Brasil; professor adjunto do Departamento de Promoção da Saúde do Centro de Ciências Médicas na mesma instituição; líder do Grupo de Pesquisa em Extensão Popular (EXTELAR/CNPq/UFPB); membro da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO). E-mail: pedrojosecruzpb@yahoo.com.br.

Gather, share, perceive, act: an experience report from the Observatory of Popular Education in Health and Brazilian reality

Pedro Nascimento Araujo Brito⁶, Felipe Marques da Silva⁷, Anailza dos Santos Silva⁸, José Carlos da Silva⁹, Pedro José Santos Carneiro Cruz¹⁰

Abstract

Recognizing the importance of the discussion on collective health from the perspective of Popular Education (PE), in a critical scenario derived from COVID-19 and misgovernment, this experience report explores the experiences in the Observatory of Popular Education in Health and Brazilian Reality. It is an initiative of the Extension “Práticas Integradas de Promoção da Saúde e Nutrição na Atenção Básica” (PINAB) that aims to propagate the PE and bring together its actors. Seven meetings were held and themes were worked on: “The current Brazilian conjuncture and the principles of popular education and its philosophy for the construction of methodological paths of practice”, “Food sovereignty as a movement of humanity and civility: what is the role of popular education in health?”, “Eugenics processes in Brazil and their consequences on health, education, justice and equity”, “The world and its changes: the place and role of popular education in health”, and “Popular Education in Health: Paths and alternatives for experiences and practices”. This experience promoted reflections about the current conjuncture, retrieving founding concepts of PE and valuable insights in its meetings. It also demonstrated the potentialities in the use of virtual environments as aids in the dialectic methodology of PE.

Keywords

Popular Education. Popular Health Education. Collective health. Social movements. Information and Communication Technology.

⁶ Undergraduate student in Medicine, Federal University of Paraíba, State of Paraíba, Brazil. E-mail: pnab@academico.ufpb.br.

⁷ Undergraduate student in Physiotherapy, Federal University of Paraíba, State of Paraíba, Brazil. E-mail: fms@academico.ufpb.br.

⁸ Undergraduate student in Occupational Therapy, Federal University of Paraíba, State of Paraíba, Brazil. E-mail: anailza.silva@academico.ufpb.br.

⁹ PhD student in Education, Federal University of Pernambuco, State of Pernambuco, Brazil; general coordinator of the work management of the Ministry of Health of Mozambique; member of the Black Population Health Group of the Brazilian Association of Black Researchers (ABPN); member of the Racism and Health Working Group of the Brazilian Association of Collective Health (ABRASCO); member of the National Association of Graduate Studies in Education (ANPED). E-mail: carlossilvan2003@yahoo.com.br.

¹⁰ PhD in Education, Federal University of Paraíba, State of Paraíba, Brazil; adjunct professor at the Department of Health Promotion at the Center for Medical Sciences at the same institution; leader of the Research Group on Popular Extension (EXTELAR/CNPq/UFPB); member of the Brazilian Association of Collective Health (ABRASCO). E-mail: pedrojosecruzpb@yahoo.com.br.

Introdução

No esforço de estabelecer uma concisa compreensão conceitual de educação popular (EP), é razoável descrevê-la como uma inspiração teórica e prática capaz de oportunizar o contínuo desenvolvimento de um agir ético, na direção de construir uma sociedade economicamente justa, socialmente solidária, politicamente igualitária e culturalmente diversa. Isso é, a EP tem constituído, historicamente, uma oportunidade concreta de resistência e criatividade, de forma compromissada com as lutas populares, apontando novos e prósperos rumos para a formação (CRUZ; PEREIRA; ALENCAR, 2018).

Quando a práxis da EP está comprometida com ações de Promoção da Saúde, podemos visualizar a Educação Popular em Saúde (EPS). A EPS é reconhecida como uma filosofia de enfrentamento aos problemas dessa área, por meio do diálogo e do respeito à cultura das classes populares, como também da valorização da participação social e dos saberes populares. Dessa maneira, a EPS possui relevância central no fazer saúde, com base nos princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS), no que tange a dignificação da cidadania, a formulação de políticas públicas de saúde e as relações dos serviços com os usuários (MENDES; TORRES; BELEM, 2021). Essa relação da EPS com o SUS é tão potente e relevante que foi instituída, em 2013, a Política Nacional de Educação Popular em Saúde (PNEP-SUS), cujos princípios teóricos e metodológicos fundamentais são: diálogo, amorosidade, problematização, construção compartilhada do saber, emancipação e compromisso com a construção do Projeto Democrático Popular (SANTOS, 2021).

Compreendendo a atuação universitária pautada no agir em EP, temos a construção da Extensão Popular, ou seja, das ações que superam a mera relação entre saberes acadêmicos e saberes populares, tratando-se de um trabalho útil, viabilizador da criação e da recriação de conhecimentos possibilitadores de transformações sociais, de forma que há, aqui, intencionalidade dialógica, política e libertadora, em direção à organização dos setores sociais (NETO, 2014).

Nesse sentido, surgiu o Programa de Extensão e de Pesquisa Práticas Integrais de Promoção da Saúde e Nutrição na Atenção Básica (PINAB), da Universidade Federal da Paraíba, vinculado ao Departamento de Promoção da Saúde do Centro de Ciências Médicas e ao Departamento de Nutrição do Centro de Ciências da Saúde. O Programa atua, desde 2007, com ações compartilhadas com os profissionais da Unidade de Saúde da Família (USF) - Vila Saúde, bem como com protagonistas das comunidades do bairro Cristo Redentor, em João

Pessoa (PB). O PINAB é construído com base teórico-metodológica freiriana, pautado pelos princípios da Extensão Popular e da PNEPS-SUS (SOUZA *et al.*, 2021).

Considerando a realidade da crise sanitária, política e social da COVID-19 e a necessidade de distanciamento físico, foram articuladas, em EP, estratégias virtuais no cenário nacional, como forma de resistência em meio à pandemia. Fernandes *et al.* (2021) observaram que diversas ações foram executadas diante do cenário pandêmico, utilizando as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) como instrumentos potentes para continuação das práticas de cuidado em saúde, na perspectiva da EPS, durante o distanciamento social, como forma de garantir o apoio social e emocional aos que precisavam. Aínda, Lima e Pekelman (2020) valorizam iniciativas exitosas e fundamentadas pela EP, como a Ágoras da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO) e a TV Rede Unida, na qualidade de espaços virtuais de discussão e debate no âmbito da Saúde Coletiva.

Frente a esse crítico cenário epidemiológico da COVID-19, desde março de 2020, o PINAB implementou ações a distância, utilizando TIC para manter o cuidado continuado, o compartilhamento de saberes e a promoção de espaços formativos e dialógicos com a sociedade (SOUZA *et al.*, 2022). Nesse prisma, reconhecendo a importância de se promover o viver, conviver e bem-viver nessa conjuntura pandêmica, assim como de se animar espaços de discussão em saúde coletiva, a partir da extensão popular e da ótica da EPS, o presente relato de experiência busca explorar e registrar os saberes e vivências compartilhados durante uma das iniciativas virtuais do PINAB: o Observatório de Educação Popular em Saúde e a Realidade Brasileira.

O Observatório se trata de uma atividade do PINAB realizada com a finalidade de propagar a EPS e reunir seus atores, trazendo discussões de temas relacionados às percepções das práticas sociais em saúde, especialmente na Atenção Primária à Saúde (APS) no SUS. A ideia principal da ação é fazer uma análise crítica da conjuntura brasileira e de sua movimentação atual, além de promover diálogos entre protagonistas de movimentos sociais, práticas populares e experiências de EPS de todo o país, na perspectiva de vislumbrar caminhos, alternativas e possibilidades de superação das situações-limite vivenciadas nesses espaços, especialmente diante dos desafiantes processos vivenciados no contexto do enfrentamento à pandemia de COVID-19.

Metodologia

Trata-se de uma metodologia participativa, dialógica, crítica e criativa, inspirada na práxis da educação popular freiriana, incorporando, além do diálogo virtual, atividades de Práticas Integrativas em Saúde, que são vivenciadas no início de cada atividade, com ênfase nas meditações, pranayamas e exercícios de respiração e alongamentos como experiência de acolhimento e cuidado para e com os participantes.

As inscrições para a participação no Observatório ocorreram através do preenchimento de um formulário feito com a utilização da ferramenta *Google Forms*, e a divulgação ocorreu através das redes sociais do PINAB. A partir da divulgação, obteve-se mais de 500 participantes inscritos, que atuam na área da saúde em todo o Brasil. Os encontros virtuais tiveram participação média de 30 pessoas.

Os encontros foram iniciados por meio de uma transmissão feita na plataforma *Stream Yard* para o *YouTube*, mas, devida a dificuldade dos participantes de entrarem na plataforma e participarem da transmissão ao vivo, as reuniões passaram a ocorrer na plataforma *Google Meet*, e todos os links dos encontros, informativos, materiais complementares e avisos foram compartilhados, via e-mail, para todos os inscritos. Os encontros foram planejados para ocorrer com periodicidade bimestral e com duração de duas horas por reunião, tendo o seu lançamento no dia 05 de maio de 2021. Ao total, foram realizados sete encontros do Observatório.

Os temas para discussão eram escolhidos de forma horizontal, considerando interesses dos organizadores e dos participantes. Para a promoção do debate, chamava-se um(a) convidado(a) que tivesse experiência na área para trazer alguns conceitos, desafios e estratégias relacionadas a cada assunto. Dentre os temas trabalhados, estão: “A conjuntura brasileira atual e os princípios da educação popular e sua filosofia para a construção dos caminhos metodológicos das práticas”, “Soberania alimentar como movimento da humanidade e civilidade: qual o papel da Educação Popular em Saúde?”, “Processos de eugenia no Brasil e suas consequências na saúde, educação, justiça e equidade”, “O mundo e as suas mudanças: o lugar e o papel da Educação Popular em Saúde” e “Educação Popular em Saúde: caminhos e alternativas para experiências e práticas”, assim como as edições de abertura e comemoração de um ano de Observatório.

Os encontros foram organizados em quatro momentos. O primeiro momento foi dedicado ao acolhimento dos participantes e convidados, no qual era realizada alguma atividade integrativa como, por exemplo, música, poesia e meditação guiada. Um segundo

momento foi aberto para que os participantes compartilhassem suas vivências, de maneira a valorizar a existência da EPS em várias regiões. No terceiro, o convidado fazia uma fala introdutória e provocadora sobre o tema proposto. O quarto se dedicava ao debate da temática entre todos os presentes. A mediação entre esses momentos era realizada por um extensionista do Programa. Ao longo dessa experiência, os extensionistas envolvidos possuíam protagonismo na comunicação com os inscritos no Observatório e nos elementos organizacionais, como atentar-se às dúvidas que surgissem no bate-papo online da reunião e a responsabilidade pela lista de presença.

Ao longo desse relato, traremos uma síntese das vivências e construções em cada encontro do Observatório.

1º Encontro: Observatório de Educação Popular em Saúde e a Realidade Brasileira (5 de maio de 2021)

No primeiro momento, teve-se a acolhida, que consistiu numa dinâmica de relaxamento através da meditação guiada, seguida pelo estímulo à apresentação dos participantes no *chat* do *YouTube*, os quais foram motivados a expor seu nome, de onde e de qual experiência vinham, a fim de promover uma interação entre o público e de se ter um panorama de quem o compunha, de forma que foram identificadas pessoas das mais diversas localidades e ocupações. Tivemos representantes da Saúde Coletiva, Enfermagem, Fisioterapia, Farmácia, Psicologia, Medicina, Letras, dos Conselhos de Saúde, de cursos de Graduação e de Programas da Pós-graduação dos Estados da Paraíba, São Paulo, Ceará, Bahia, Minas Gerais, Pernambuco e Espírito Santo. Isso possibilitou a integração de discussões entre pessoas de vivências e perspectivas distintas, trazendo uma enorme riqueza a todo o processo de construção objetivado no encontro.

O segundo momento consistiu na apresentação da proposta do Observatório, sua metodologia e forma de contato com a equipe organizadora. Ainda, foram estabelecidos os acordos de convivência e os aspectos organizacionais, como periodicidade e duração dos encontros. Esse momento também serviu de convite e animação para o agir em EP, fazendo com que fosse proposto que os participantes praticassem os aprendizados do curso nas comunidades em que estão inseridos, ou seja, que fossem promovidas ações que apontassem para a prática em saúde em seus respectivos contextos, assim como para as possibilidades de atividades em parceria com atores locais como forma de enfrentamento dos desafios encontrados.

Seguimos para o terceiro momento, que se traduziu na apresentação de todos os organizadores do projeto, além da abertura de espaço para que os participantes entrassem na transmissão a fim de relatar sobre suas experiências no que se refere à EP e à promoção da saúde, bem como às expectativas e percepções sobre os Encontros. Isso facilitou, assim, a interação horizontal, o contato e a inserção dos participantes no contexto do Observatório, haja vista que a integração e participação de cada um e cada uma, no âmbito do projeto, é muito importante para o processo objetivado.

2º Encontro: A conjuntura brasileira atual e os princípios da Educação Popular e sua filosofia (7 de julho de 2021)

O encontro teve início com um momento introdutório de boas-vindas realizado pela equipe organizadora, acompanhado de uma breve recordação do objetivo do projeto, que se traduz na criação de um espaço de interação entre protagonistas da EPS. Passado esse momento, deu-se seguimento à acolhida, realizada mediante a um relaxamento feito por meio do uso de técnicas de respiração consciente, trazidas por um integrante do PINAB.

Depois, abriu-se espaço para a partilha das experiências territoriais, de forma que o interessados em compartilhar foram convidados a integrarem a sala do *StreamYard*, para que pudessem falar. Dois participantes se propuseram a fazer os repasses. O primeiro trouxe um pouco de sua vivência enquanto professora da disciplina de Promoção da Saúde, falando sobre a criação de um trabalho promovido junto aos seus alunos e fundamentado, na EP, sob a perspectiva da intervenção nos territórios e de suas realidades. O segundo participante, por sua vez, relatou que fez o resgate de uma formação em 2018, a qual, associada à iniciativa do Observatório, fê-lo refletir sobre o fato de a EP ser mais do que apenas as práticas populares, sendo, também, a emancipação e o nosso posicionamento político sobre o que está ocorrendo no contexto atual.

A atividade continuou com a fala do convidado, o professor Alder Júlio Calado, que trouxe um discurso pautado na “Análise da atual conjuntura brasileira e os princípios da EP e sua filosofia”. Ele iniciou seu relato com o estabelecimento de relação entre o atual cenário e o modo de produção e consumismo vigente, como também o seu poder destrutivo daqueles e daquilo que identificam como alvo, o que culmina em consequências multifacetárias e de cunho sanitário e socioambiental, afetando não apenas as pessoas, mas também todo o ambiente que as permeia. Isso ocorre de forma a estabelecer uma relação entre o sistema capitalista de produção com as crises da COVID-19, bem como entre a política, a

representatividade, a democracia e a marginalidade, relatando que as minorias compõem maior parte da população carcerária, e que o poder de decisão está concentrado nas mãos de pouquíssimas pessoas, em detrimento de uma imensa massa da população brasileira que não possui sequer moradia e vive em miserabilidade. Alder menciona, ainda, a crise no campo ético, que diz respeito às *fake news* e à crescente necessidade de resgate dos valores referentes ao processo de humanização.

Quanto ao campo da EP, foi abordada a necessidade de sermos protagonistas de uma nova sociedade e, também, de sermos o enfrentamento vivo das causas existentes dessa crise, através da percepção crítica da realidade e do compromisso de reescrevê-la, de modo a ressaltar a EP como auxiliadora do fornecimento dos materiais necessários ao desenvolvimento de olhos, coração e mente, estando abertos ao melhor entendimento dessa realidade plural e desafiadora. É preciso entender a importância da tríplice dimensão da sociedade civil: a primeira dimensão é a organizativa, em que se devem criar núcleos, animá-los, acompanhá-los e exercitá-los em sua capacidade crítica e de decisão. A segunda é a educativa, responsável pela formação e protagonizada pela sociedade civil. Por último, a dimensão mobilizadora nos leva às ruas, em reivindicações por mudanças.

E assim o professor Alder encerrou sua fala, passando a palavra para o outro professor convidado, Carlos Silvan, que tratou dos princípios freirianos da impaciência, intolerância e indisponibilidade para ouvir e dialogar. Ele trouxe, em sua fala, reflexões sobre a importância do estar disponível ao diálogo e à troca, para que possamos avançar como pessoas, cidadãos, profissionais e sociedade, bem como a importância do esperar e do agir. Com isso, ele diz que não se deve só esperar por tempos melhores, mas sim torná-los possíveis, dentro de nossas possibilidades e contextos. Assim, traz-se em voga não somente a importância do ser crítico, mas também a de manter as esperanças de dias melhores, buscando, sempre e dentro de nossas possibilidades, tornar esses dias um pouco mais próximos, pois, como cidadãos de um coletivo e protagonistas de nossa história, podemos.

3º Encontro: Soberania alimentar como movimento da humanidade e civilidade: o papel da EPS (8 de setembro de 2021)

O encontro se iniciou com uma atividade integrativa de respiração guiada, com o objetivo de criar uma conexão com os participantes e propiciar estímulo ao exercício do “acolher-se”.

Dando sequência, os participantes foram convidados a compartilhar as experiências concernentes às atividades desenvolvidas no último mês em seus próprios contextos e territórios. Nesse momento, foram feitos comentários sobre a organização em redes (unidade de saúde, escola, creche comunitária) como potente estratégia para resistência e combate aos desafios da pandemia. Foram citados exemplos de articulações, como o Projeto da Farmácia Viva, germinado pela rede atuante na Comunidade “Entra-pulso”, iniciativa que surgiu em resposta à falta de ação da associação de moradores, com vistas a dar atenção às demandas da comunidade. Outra articulação citada foi a Fundação Terra, com suas ações em favor da segurança alimentar e EP.

O tema proposto para o terceiro encontro surgiu dos organizadores, ao perceberem que, na realidade e história brasileira, muitos grupos tentam manter seus privilégios e espaços de poder, enquanto o país passa por retrocessos civilizatórios, como o caso da severa intensificação da problemática da fome. Para incitar e promover essa discussão, a professora Sônia Lucena, da Universidade Federal de Pernambuco, foi convidada. A docente trouxe reflexões pautadas no questionamento base: qual o papel dos protagonistas em EP?

A fala de Sônia trouxe as perspectivas que se seguem. Por mais que movimentos sociais, como o Movimento dos Sem-Terra e o Movimento Via Campesina, discutam a pauta soberania alimentar, é perceptível que, tanto na EP quanto nos ambientes mais gerais, o tema não é debatido como deveria, mesmo que muitos brasileiros estejam em fragilidade alimentar. Por muito tempo, a fome era um “assunto proibido”, sendo mais interessante discutir a desnutrição, uma redução técnica da problemática. Esse tabu foi quebrado por Josué de Castro ao lançar sua obra *Geografia da Fome*. Nela, Josué quebra a compreensão de que a problemática da nutrição seria um fenômeno natural que atinge a realidade social, trazendo o entendimento de que a fome é resultado das relações sociais e de produção que os homens estabelecem entre si.

Após essa introdução, Sônia enfatizou a mensagem de que o essencial a se saber para a atuação do educador popular na temática da fome é perceber que o problema não está na insuficiência de alimentos. O desafio está no avanço das políticas neoliberais, expansão das corporações multinacionais, produção mecanizada da monocultura, controle de sementes e insumos agrícolas, bem como o uso de agrotóxicos em quantidade incompatível com a vida e a padronização do perfil de consumo de alimentos.

Dessa forma, a partir dos diálogos decorrentes da fala da convidada, a resposta à pergunta-base do encontro pôde ser sintetizada da seguinte forma: a fome é derivada da violência estrutural historicamente persistente no país, portanto, é responsabilidade das

organizações civis e movimentos populares tomarem partido e incorporarem, às suas lutas, as discussões em soberania alimentar e a alimentação nas esferas da biologia, da educação e da cultura. Nessa perspectiva, os educadores populares têm papel relevante na mobilização e incentivo ao pensamento crítico das comunidades, como forma de animar ações e reações. É papel dos educadores populares pensar em que medida esse fenômeno está ocorrendo em nossas práticas e áreas de atuação para, assim, viabilizar inéditos viáveis e superação dessa problemática pela articulação coletiva e intersetorial. Não há prática social sem nutrição adequada.

4º Encontro: Processos de eugenia e suas consequências na saúde, educação, justiça e equidade (11 de novembro de 2021)

O encontro teve o acolhimento pautado no vídeo do cantor, poeta e educador popular Ray Lima: “Paulo Freire, tu não foste, tu ficaste, a bandeira que içaste é difícil de ribar no coração do Brasil as batidas vitalícias desse sangue portentoso da Educação Popular”.

No momento de compartilhamento das experiências locais dos participantes ou da socialização das percepções resultantes da poesia de Ray Lima, surgiram falas sobre a valorização da arte para a formação em saúde, no sentido de trabalhar a dimensão dos afetos. Além disso, emergiram percepções quanto às dificuldades de se trabalhar a EP na atualidade, haja vista o contexto de crises aprofundadas pela pandemia, a crescente apatia das pessoas e as tentativas de desmonte do SUS. Dessa forma, como resposta a essas dificuldades, não é cabível delegar a responsabilidade da mudança e da construção de inéditos viáveis ao outro, pois ela está na coletivização, o que remete à importância do educador popular em ser capaz de sensibilizar as pessoas com as quais tem contato.

Nesse quarto encontro, contamos com a contribuição da Psicóloga Clara Flaux da Silva e do Professor Dr. Roberto Lacerda, na abordagem do tema “Processos de eugenia no Brasil e suas consequências na saúde, educação, justiça e equidade”. Clara iniciou o diálogo estabelecendo os principais fundamentos, os referidos “impactos” na história do Brasil, para a pauta de crítica à eugenia: trata-se da colonização, da escravização e da manicomização. Essas questões impactaram a política, a história, a saúde e a sociedade brasileira. Com isso, ela trouxe reflexões e discussões acerca de quem era o público posto em manicômios e nos locais periféricos: leprosos, pedintes, aqueles que “incomodavam a chegada da família real portuguesa ao Brasil” e os desafetos sociais.

Roberto, em seu momento de fala, abordou o encarceramento em massa da população negra como uma forma de eugenia, juntamente com o extermínio dessa população no cenário da violência policial. Ele trouxe alertas acerca do quanto o SUS pode estar reproduzindo práticas eugenistas ao apresentar dados de que, na fila de transplantes, a população negra é maioria, mas, nas listas de transplantados, ela é minoria. Ainda no âmbito da saúde, o negro é o grupo que menos está vacinado.

Das discussões derivadas do momento expositivo dos convidados, o grupo construiu a seguinte compreensão: o tema escolhido é valioso e importante, pois a eugenia não é uma temática comum na EP. Isto foi exposto pelo curador do projeto, Prof. Carlos Silvan “A educação popular precisa se enegrecer”. A EP precisa reconhecer que o Brasil é um país fortemente racista, logo, ainda reprodutor de práticas e experiências eugenistas. Portanto, os educadores populares devem revisar sua base teórica e suas práticas, mediante a integração dessas pautas de racismo e eugenia para dentro das discussões. Isso é, o primeiro passo para que o educador popular trabalhe a pauta do racismo é que ele se perceba como um indivíduo socializado em um país historicamente racista. É necessário pensar, assim, em que medida o educador popular reproduz essas práticas discriminadoras para, posteriormente, ajudar outros a perceberem isso também, sendo esse um processo difícil e doloroso, mas essencial.

5º Encontro: O mundo e as suas mudanças: o lugar e o papel da educação popular em Saúde (6 de abril de 2022)

O encontro contou com a contribuição da pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz Brasília, de Socorro Souza e do Prof. Reinaldo Fleuri, da Universidade Federal de Santa Catarina, os quais abordaram o tema do encontro com base em suas experiências. Ambos trouxeram, em seus discursos, resgates históricos importantes para o entendimento do processo de colonização do país, dos povos originários e do atual cenário brasileiro, que resulta das formas de dominação e opressão. Frente a essa percepção, é apontado que a proposta da EP e da saúde coletiva nos convida a olhar para cenários opressores e pensar sobre qual a nossa capacidade de ajudar a construir soluções mais sustentáveis junto a essas populações e, até mesmo, uma enraização em nossas ancestralidades. Desse modo, permite-se uma articulação política e efetiva com os movimentos populares de raízes ancestrais, que apontam para uma cosmovisão de vida – o bem-viver –, caracterizando-se por essa relação de reciprocidade, complementaridade, integralidade e de inserção e articulação com toda a natureza e seres vivos.

Para além desses apontamentos, foram destacados alguns desafios do trabalho com a EP na atualidade, como o da sistematização das diferentes pedagogias criadas pelos movimentos sociais, sendo necessário recorrer à academia para sistematizar e fundamentar as práxis, já que esses grupos não têm o hábito de registrar e sistematizar. É salientando, também, o fato de que nem todos que trabalham com a EP e a EPS concordam com a posição de ser pesquisador(a), sendo isso algo importante a se problematizar, pois nem todos se apropriam ou conhecem as dimensões e espaços metodológicos da EP e da EPS. Ademais, a EP, muitas vezes, não é compreendida como filosofia potente de trabalho na saúde coletiva ou como solucionadora de questões com a participação comunitária, ou seja, ela é tida como mera mediadora do diálogo popular.

Encerrada a fala dos convidados, abriu-se espaço para os participantes trazerem seus questionamentos, comentários e compartilhamentos de experiências. Vários participantes de diferentes regiões do país se manifestaram relatando suas vivências, enquanto trabalhadores e pesquisadores da saúde acabaram expondo dificuldades como a fragilidade que a saúde enfrenta ao ser guiada pelo desgoverno (sob uma lógica privatista e mercantilista), as dificuldades em operacionalizar a EP dentro do trabalho e o desafio das instituições públicas serem vistas como parceiras potentes para a resolução de problemáticas pela visão da comunidade.

6º Encontro: Um ano de observatório de educação popular em saúde e realidade brasileira: perspectivas e desafios (4 de maio de 2022)

Em um primeiro momento, foi ressaltada a importância do Observatório e sobre como ele surgiu, sendo esse um programa que emerge como forma de promoção de espaços de interlocução entre diferentes atores e contextos da EPS, para que, em união, possa-se refletir sobre as atuais conjunturas vivenciadas na realidade brasileira.

O segundo momento da reunião foi destinado à apresentação da síntese avaliativa, feita pelos participantes através de um formulário compartilhado previamente com os inscritos do Observatório.

No formulário em questão, os participantes deveriam apontar, com base nas suas percepções, as potencialidades do evento, as limitações, os desafios e as sugestões para os próximos encontros. Dessa forma, foram pontuadas, como principais potencialidades, o fato de o evento proporcionar um espaço rico de discussão, de conseguir reunir pessoas de distintas regiões do Brasil e de abordar temáticas importantes e relevantes no atual contexto.

Como limitações, foram destacados: o período de intervalo de um mês entre os encontros (considerado muito longo), a falta de ações ramificadas do evento (como cursos formativos que abordem, de forma mais aprofundada, algumas temáticas que surgem nos encontros) e o horário (que, por vezes, acaba impossibilitando a participação de alguns dos inscritos, devido a outros compromissos). Como desafios, os inscritos identificaram a conciliação de seus afazeres com o horário do encontro e a falta do compartilhamento das referências indicadas pelos palestrantes. Como sugestões, foram dadas as ideias: uso de outros recursos como imagens, pinturas e músicas como contraponto aos debates, realização de *lives* e, até mesmo, de encontros presenciais nas diferentes regiões do país.

7º Encontro: Educação Popular em Saúde: caminhos e alternativas para experiências e práticas (03 de agosto de 2022)

O encontro foi aberto com uma prática integrativa de respiração guiada, sendo esse um exercício que visa promover a autopercepção, o relaxamento, a valorização do presente e a preparação dos participantes para integrarem o encontro de forma tranquila.

O sétimo Observatório trouxe, como convidados, a Prof^a.Vanderleia Pulga, da Universidade Federal da Fronteira Sul, e o Prof. Volmir Brutscher, da Universidade de Pernambuco, para discutir sobre os caminhos e alternativas para experiências e práticas em EP.

Volmir, em sua fala, abordou o conceito de EP, trazendo que essa é muito confundida com um estilo de educação voltada apenas para as classes mais pobres, mas que, na verdade, é uma concepção de educação caracterizada pelo comprometimento com as causas políticas. A educação pode reproduzir o sistema ou revolucioná-lo. No entanto, essa perspectiva de mudança só pode ser alcançada quando a educação é ofertada a todos. Dentro da EPS, o convidado salienta a relevância de discutir a saúde como algo fora das noções de mercado. A saúde não deve ser algo comprável, mas sim universal. Ela se refere à qualidade de vida, logo, é um tema de relevância e responsabilidade pública. Por isso, torna-se necessário construir um projeto de sociedade que eduque seus cidadãos e seus profissionais de saúde para reconhecerem e lutarem por esse direito. No âmbito da EPS, iniciativas relevantes podem ser citadas, como os conselhos comunitários, que são entendidos como movimentos exemplares no que tange à participação social.

Vanderleia traz, em sua fala, que caminhos em EP não são respostas prontas, mas podem e devem ser construídas em coletivo e a partir de trilhas reflexivas. A convidada

considera que nossa sociedade retornou de forma impensável a uma realidade de dominação política e de discriminação. Esses são resultados dos projetos neoliberais que utilizam o Estado para cometer violências em favor do capitalismo. Adicionalmente, a EP é apresentada como possuidora de uma dimensão estratégica fundamental, não como uma ferramenta, mas como uma prática político-pedagógica cotidiana capaz de promover a compreensão de que a defesa da vida passa pela saúde e pela democracia. Para que se tenha saúde, é necessário fortalecer os mecanismos democráticos. A EP possui dimensão intercultural capaz de promover a integração entre grupos sem desrespeitar suas culturas. Dessa maneira, é possível conceber uma forma ampliada de cuidado e saúde.

A discussão aberta frutifica alguns entendimentos, como o reconhecimento das Práticas Populares e das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) como exemplos do resultado de uma construção ampliada de saúde que respeita a cultura e história de vários grupos, de modo que todos usufruam desse cuidado. Outro entendimento gestado no debate foi a importância de o educador popular pensar no cuidar de quem cuida, pois, a cada vez que o SUS é atacado, quem sofre são os usuários e os profissionais de saúde. Deve-se pensar o esperar também focado no profissional.

Considerações finais

A experiência do Observatório se mostrou bastante pertinente na promoção de reflexões acerca da atual conjuntura e, com isso, na formulação de debates entre pessoas de diferentes contextos e vivências, haja vista a multiterritorialidade dos participantes que compuseram seus encontros.

O resgate de conceitos fundantes da EP e das percepções valiosas surgiram desses encontros. Neles, levantou-se que a luta pela construção ampliada de saúde deve passar, necessariamente, pelo respeito à cultura e à história dos grupos sociais, e essa mobilização necessita articulação política e efetiva com os movimentos populares, valorizando os de raízes ancestrais. Outrossim, enquanto práxis com intencionalidade política e emancipadora, o agir pela EP se mantém como atuação de resistência ao avanço das políticas neoliberais, sendo essencial que os educadores populares se reafirmem e se posicionem nas lutas em pautas de violências estruturais, como a insegurança alimentar e o racismo.

Há, nessa iniciativa, a demonstração de potencialidade no uso dos ambientes virtuais como ferramentas de comunicação e método dialético da EP. É valorizado, aqui, o grande alcance de pessoas, a promoção de diálogos entre protagonistas de locais de fala e vivências

diversas, o que acaba por trazer uma riqueza ímpar aos diálogos e, com isso, a construção de meios para sobrepujar os desafios que se apresentam. De tal forma, a construção dessa perspectiva teórico-prática cobra uma caracterização, mesmo tênue, do tipo de sociedade que se deseja superar e das suas políticas dominantes, de modo que urge um olhar crítico sobre aquilo que se está vivenciando e, assim, abre-se a possibilidade de ações na perspectiva coletiva de sua superação, a partir de uma melhor compreensão do mundo em que se vive.

A elaboração desse relato de experiência dialoga diretamente com um dos desafios percebidos nos encontros: a falta do hábito de registrar e sistematizar as ações em EP. Esse escrito surge como uma resposta da academia à sua responsabilidade de registrar as movimentações e as construções, de modo a sistematizar os saberes oriundos da práxis, respeitando, assim, os fundamentos da Extensão popular de fazer agir e pesquisar.

O Observatório de Educação Popular em Saúde e a Realidade Brasileira continuará como iniciativa ativa do PINAB, na missão de perpetuar e de fortalecer as potencialidades do reunir, do compartilhar, do perceber e do agir para, dessa maneira, construir. Assim, guiados pelos ensinamentos freirianos, ressaltamos o “estar disponível ao diálogo e à troca, para avançarmos como pessoas, como cidadãos, profissionais, como sociedade”.

Referências

CRUZ, P. J. S. C.; PEREIRA, E. A. A. L.; ALENCAR, I. C. Educação popular: teoria e princípio ético-político do trabalho social emancipador. *In*: CRUZ, P. J. S. C. (org.).

Educação popular em saúde: desafios atuais. São Paulo: Hucitec, 2018. p. 47-67.

FERNANDES, R. S. *et al.* Potencialidades da educação popular em tempos de pandemia da Covid-19 na Atenção Primária à Saúde no Brasil. **Interface: Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 26, p. e210142, 2022. Doi: 10.1590/interface.210142. Disponível em: <https://scielosp.org/article/icse/2022.v26/e210142>. Acesso em: 18 out. 2022.

LIMA, L. O.; PEKELMAN, R. O diálogo como estratégia formativa: perspectivas a partir da educação popular em saúde. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, ed. especial, p. 290-297, 2020. Doi: 10.14393/REP-2020-56013. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/56013>. Acesso em: 18 out. 2022.

MENDES, A. H. L.; TORRES, A. C. S.; BELEM, M. O. Compreensão da educação popular em saúde por uma equipe da estratégia saúde da família. **Ciênc. cuid. saúde**, Maringá, v. 20, p. e52101, 2021. Doi: 10.4025/ciencuidsaude.v20i0.52101. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/52101>. Acesso em: 18 out. 2022.

NETO, J. F. M. **Extensão popular**. 2. ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014.

PEDROSA, J. I. S. A política nacional de educação popular em saúde em debate: (re) conhecendo saberes e lutas para a produção da Saúde Coletiva. **Interface: Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 25, p. e200190, 2021. Doi: 10.1590/Interface.200190. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/b4vyq3gCDv3VT5BgKRvVYQD/?lang=pt>. Acesso em: 18 out. 2022.

SOUZA, I. G. *et al.* Programa práticas integrais de promoção da saúde e nutrição na atenção básica (PINAB): relato das experiências desenvolvidas em 2020. *In: CARVALHO, A. L. B. et al. (org.). Diálogos de Extensão*. João Pessoa: Editora do CCTA, 2021. *E-book*. Disponível em: <https://www.ufpb.br/editoraccta/contents/titulos/saude/dialogos-da-extensao>. Acesso em: 19 out. 2022.

SOUZA, I. G. *et al.* Experiências de extensão em educação popular em saúde no enfrentamento à pandemia da Covid-19 na Atenção Primária à Saúde. **Interface: Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 26, p. e210146, 2022. Doi: 10.1590/interface.210146. Disponível em: <https://scielosp.org/article/icse/2022.v26/e210146/pt/>. Acesso em: 19 out. 2022.